

>

Prêmio Cidadania

Um lugar no pódio social



No ano dos Jogos Pan Americanos, o esporte ganha

destaque no país. Em épocas assim, renovam-se as esperanças de que os atletas se superem. Mais do que a conquista de muitas medalhas, a torcida é, entretanto, para que o esporte nacional receba a atenção que merece e se consolide como agente de transformação social. Em tempos de aquecimento global e degradação do meio ambiente, a preocupação com a reciclagem figura na ordem do dia. Há muito nos perguntamos que tipo de mundo vamos legar às próximas gerações. O resgate da cidadania, o respeito à vida e a construção de uma sociedade justa passam, necessariamente, pelos caminhos da preservação e do uso sustentável dos recursos naturais. Não por acaso, os dois temas – esporte e meio ambiente – foram objeto de boa parte dos trabalhos que disputaram o *Prêmio Cidadania do Anuário Telecom 2007*, ao lado de outro assunto igualmente crítico para o país: a educação, por onde, aliás, deve começar qualquer processo de mudança. Nesta edição, cinco projetos obtiveram as pontuações mais altas da comissão julgadora. Mas qualquer pessoa de bom senso concorda: os 20 trabalhos avaliados foram todos vencedores. A razão é simples: eles são exemplos de que, quando se quer, é possível ocupar o lugar mais alto do pódio social.

Os projetos contemplados com o *Prêmio Cidadania* foram Bola pra Frente, desenvolvido pela Claro; Gol de Menina, iniciativa da Motorola; Programa de Orientação Ocupacional e Escolar (POOE), da Perrotti Partners; Coisas Boas para Minha Terra, da Fundação Telefônica; e TIM Música nas Escolas, apoiado pela TIM Brasil.

Os dois primeiros incentivam a prática de atividades esportivas como forma de tirar crianças e adolescentes da marginalidade, combater as drogas, conter a evasão escolar, reduzir a criminalidade e pôr fim ao trabalho infantil. Por intermédio do esporte busca-se difundir o conceito de cidadania, o sentido coletivo, a disciplina, a solidariedade. Nesse aspecto, merece menção especial o Projeto de Reestruturação do Atletismo, da Sercomtel,

que, em quatro anos, já atendeu 5 mil crianças da rede pública de ensino de Londrina, Paraná.

Na categoria Educação há que se destacar o Projeto Cuidar, implantado em Uberlândia (MG) pela CTBC, com o objetivo de melhorar a leitura e a escrita de 38 alunos de uma escola pública da cidade, assim como o Jovem Parceiro, da Ericsson, e o Formando Crianças para o Futuro, da Furukawa. A Fundação Telefônica promoveu a segunda edição do Concurso de Causos do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), cujo resultado foi a publicação de uma deliciosa coletânea de mais de 120 histórias do cotidiano narradas por adolescentes e adultos do Brasil inteiro. A escola, escolhida como tema de destaque, provou que tem histórias para contar e, inspirada nos princípios do ECA, mostrou que é possível transformar vidas para muito melhor.

A reciclagem foi a tônica dos projetos na categoria Meio Ambiente. Desde meados de 2006 a IBM vem promovendo uma exposição itinerante, que reproduz o ambiente interno de uma casa. O material de construção, os móveis e objetos são confeccionados com técnicas de reciclagem e reutilização. A programação é parte do projeto Reciclusa – Novos Usos para Antigos Materiais e inclui palestras e oficinas.

A Vivo, com o projeto Vivo Recicle seu Celular, vem estimulando a coleta e reciclagem de aparelhos, baterias e acessórios, enquanto a Engeset, por intermédio do Emcantar, realiza oficinas em algumas cidades de Minas Gerais e de São Paulo sobre reciclagem, organização do lixo, economia de água e de energia.

A Comissão Julgadora do Prêmio Cidadania 2007 foi formada pelo secretário de telecomunicações do Ministério das Comunicações, Roberto Pinto Martins; pelo presidente da Abinee, Humberto Barbato Neto; pelo presidente da Telcomp, Luiz Cuza; pelo consultor Juarez Quadros do Nascimento, da Orion Consultores Associados; e pelo consultor Newton Cyrano Scartezini, da Horizontes Consultoria.



Uma vitória contra a exclusão

Craques no futebol, os tetracampeões mundiais

Bebeto e Jorginho marcaram gol de placa no campo social quando criaram o Instituto Bola Pra Frente, instituição que desenvolve diversos programas de assistência a crianças e adolescentes cariocas em situação de risco social. Outro grande gol fez a Claro ao apoiar a iniciativa dos ex-atletas, tornando-se a principal mantenedora de um projeto que alia esporte, educação, cultura, arte e qualificação profissional para melhorar a qualidade de vida dos jovens.

A tabelinha Claro-Instituto Bola Pra Frente tem sido perfeita no jogo de conquista de um placar social mais justo. Somente em 2007, a instituição registrou a participação de 896 meninos e meninas com idade de seis a 17 anos nos três projetos que integram o programa Esporte em Ação Social: Craque de Bola e de Escola, ARTilheiro e Campeão de Cidadania. Com a premissa de levar a educação para o campo e o esporte para a sala de aula, o Bola pra Frente oferece, gratuitamente, diversas modalidades esportivas, como futebol, futsal, caratê e vôlei, bem como apoio pedagógico, palestras, atividades artísticas e culturais, aulas de informática e qualificação profissional. As crianças e adolescentes também podem contar com o apoio de uma equipe de especialistas nas áreas de psicologia, psicopedagogia, serviço social, saúde, odontologia e nutrição.

O projeto se dirige a moradores das comunidades que formam o complexo do Muquiço, no bairro de Guadalupe, Zona Norte do Rio, onde fica a sede do Instituto Bola Pra Frente, região considerada de extrema vulnerabilidade social, marcada pela miséria, carência de serviços e violência explícita. “Quem vive nas grandes cidades sabe que a queda-de-braço é intensa”, comenta Gabriela Derenne, diretora regional Rio e Espírito Santo da Claro, ao se referir à necessidade de reversão dessa triste realidade brasileira.

A família e a escola são dois parceiros estratégicos para o sucesso dos projetos. Envolvidos no processo

de formação e, principalmente, de transformação das crianças e dos adolescentes, os familiares participam de palestras, cursos e oficinas profissionalizantes. A parceria inclui troca de informações e percepções sobre os meninos e meninas, interação importante, também, para o acompanhamento da frequência e do desempenho escolar, dois requisitos básicos para participar das atividades oferecidas pelo Instituto Bola Pra Frente.

Os projetos atendem públicos distintos. O Craque de Bola e de Escola, que alia esporte e educação, beneficia crianças de 6 a 9 anos, enquanto o ARTilheiro, de esporte, arte e cultura, é voltado para aqueles que têm entre dez e 14 anos. O Campeão de Cidadania abrange a turma de 15 a 17 anos e, além de atividades esportivas, prepara os meninos para o mercado de trabalho. A Claro, por exemplo, seleciona os aprendizes que contrata entre os que participam desse projeto. “É um investimento social que dá retorno à empresa e, conseqüentemente, à sociedade”, defende Gabriela.

O grande desafio, nesse caso, é promover a formação profissional do adolescente sem comprometer os estudos dele. O jovem selecionado desenvolve atividades profissionais na empresa e participa de cursos de aprendizagem na função de auxiliar administrativo ministrados pelo Instituto Bola Pra Frente. A Claro mantém, atualmente, 24 aprendizes apoiados pelo projeto Campeão de Cidadania. Ao final do contrato, eles serão submetidos a teste para efeito de seleção e efetivação no cargo de operadores do Serviço de Atendimento ao Consumidor (SAC) da empresa.





Prêmio Cidadania

Sérgio Mindlin:
interação de professores
com os alunos e a
comunidade.



União contra a desigualdade

Transformar a Internet em material didático continua sendo o grande desafio na rede pública de ensino. Nem sempre com acesso à tecnologia, alunos e professores buscam tirar o máximo proveito dos recursos disponíveis, no esforço para melhorar a qualidade do aprendizado. O que mobiliza a todos é a consciência de que, na era da inclusão digital, sinônimo de ferramenta de transformação social, ninguém mais pode conceber a educação sem o respaldo da tecnologia.

Ao mesmo tempo, o uso da Internet como instrumento de interação com a comunidade e o ambiente que cerca a escola virou objetivo de qualquer sociedade realmente disposta a melhorar a realidade, resgatar a cidadania, preservar a identidade cultural e valorizar a diversidade.

O projeto As Coisas Boas para Minha Terra tenta responder a essas questões. Não por acaso, transformou-se em uma importante contribuição na luta para reduzir as desigualdades. Idealizado pela Fundação Telefônica, ganhou o apoio da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e, hoje, atende mais de 30 mil pessoas, entre alunos, monitores e professores, de 474 escolas públicas do estado.

O objetivo é, de um lado, promover o *letramento* digital de docentes e estudantes e, de outro, oferecer condições para que os estudantes sejam protagonistas de ações de cunho social na comunidade onde a escola está inserida. Por *letramento* digital entenda-se a capacidade de se fazer pesquisa na Internet, de se comunicar em meio digital (participar de videoconferência e salas de bate-papo, por exemplo) e de publicar conteúdos.

Do ponto de vista pedagógico, o projeto traz o benefício social da conquista da cidadania, por meio da parceria escola-comunidade. Mas também promove, pelo mesmo mecanismo de aproximação, o mapeamento e valorização da cultura local, promovendo o diálogo entre os agentes que a promovem, independentemente da forma de expressão.

O Coisas Boas para Minha Terra faz parte do programa EducaRede, portal desenvolvido pela Fundação Telefônica

com o propósito de contribuir para a melhoria de qualidade da educação pública no país, a partir do uso pedagógico da Internet e da inclusão digital de alunos e professores. A idéia nasceu ante a constatação de que os professores tinham pouca familiaridade com o ambiente da Internet, o que dificultava o aproveitamento do conteúdo disponível no portal EducaRede na sala de aula. “Nós percebemos que o programa de capacitação dos professores seria mais eficiente se permitisse a interação com os alunos e a comunidade”, conta Sérgio Mindlin, diretor da Fundação Telefônica, animado com a adesão voluntária dos professores ao projeto. O executivo conta que as pessoas são incentivadas a fazer um levantamento detalhado das coisas boas que cercam a escola, a comunidade e a cidade. Mas, também, a refletir sobre os problemas, elaborar e executar propostas destinadas à melhoria da escola e da comunidade em quatro temas transversais: meio ambiente, saúde, cultura e cidadania. Esses assuntos estão presentes nos diversos conteúdos curriculares dos alunos desenvolvidos pelas escolas com ferramentas interativas da Comunidade Virtual do portal EducaRede.

Qualquer pessoa pode ter acesso aos trabalhos, publicados no livro virtual, editado pelo portal EducaRede, espécie de guia para reflexão sobre os temas e replicação das iniciativas de cada escola. O projeto pretende, assim, estimular os alunos a assumir responsabilidades no contexto social. “Os resultados positivos desse esforço de formação comunitária serão sentidos no longo prazo”, acredita Mindlin.





Prêmio Cidadania

Carlos Alberto Pagoti:
futebol e
acompanhamento escolar
para as meninas.



Das ruas para os campos esportivos

Uma jovem em situação de risco social trocou o consumo de drogas e o convívio com traficantes pelo futebol, voltou para a escola, recebeu acompanhamento psicológico e integrou o elenco da seleção brasileira feminina que conquistou o Campeonato Sul-Americano Sub 20, disputado em junho do ano passado, no Chile. O roteiro é parecido com o que muitas jovens tentam escrever para mudar de vida. No projeto Gol de Menina, mantido pela Motorola, 80 garotas, crianças e adolescentes de Jaguariúna e cidades vizinhas buscam no esporte a chance de um futuro melhor.

A jovem campeã foi uma das que se beneficiaram do projeto lançado em janeiro de 2005, especialmente dirigido ao público feminino na faixa etária de sete a 26 anos. Com a supervisão de voluntários do Grêmio Motorola, professores de Educação Física, Fisioterapia, Nutrição e Psicologia da Faculdade de Jaguariúna, o objetivo do projeto é estimular as meninas a trocarem o ócio das ruas pela prática do esporte. Mas isso não é tudo. Além do futebol, visto no contexto do projeto como momentos de lazer associados à saúde e disciplina, elas têm acompanhamento escolar e participam de palestras educativas sobre temas diversos de interesse geral – do combate às drogas à higiene, passando pela importância de defender e preservar o meio ambiente. Para participar do projeto é fundamental que as meninas estejam matriculadas na escola pública e frequentem regularmente a sala de aula, explica Carlos Alberto Pagoti, supervisor de qualidade da Motorola. A formação acadêmica também é prioridade. Não por acaso um dos principais parceiros da companhia nessa empreitada é a Faculdade de Jaguariúna. As meninas com idade escolar universitária têm bolsa de estudos integral.

O projeto Gol de Menina chama a atenção pela magnitude. Nasceu de uma iniciativa da Motorola, de criar uma escolinha de futebol para os filhos de funcionários e, assim, aproveitar, de forma plena, nas próprias instalações, os espaços reservados para atividades espor-

tivas. Na sede da empresa, localizada em Jaguariúna, existem muitos campos e quadras que, segundo Pagoti, vinham sendo apenas esporadicamente utilizadas pelos trabalhadores. “A novidade despertou o interesse das meninas e a Motorola decidiu abrir espaço ao futebol feminino”, conta.

A procura foi grande e a Motorola acabou tendo de ampliar o escopo do projeto. E permitiu a participação de moradoras das comunidades carentes da região. Hoje, as 80 meninas beneficiadas pelo projeto estão organizadas em duas categorias. Uma delas é a de iniciação esportiva, com 50 integrantes na faixa etária de sete a 17 anos, que participam de aulas semanais de futebol. A empresa e a Prefeitura de Jaguariúna oferecem campos para as aulas e treinamentos, assim como todo o material esportivo necessário. A outra categoria é formada pela equipe de competição. Como o nome sugere, esse grupo de 30 atletas de 16 e 26 anos participa de torneios no país inteiro e disputa jogos amistosos com seleções de outros países.

Algumas das jogadoras já foram convocadas para a Seleção Brasileira principal e de base. Pagoti explica que as moças recebem alimentação, transporte, material esportivo, ajuda de custo e moradia – elas ficam em dois alojamentos alugados pela Motorola. Os treinamentos são diários e as atletas têm acompanhamento médico e seguro de vida.

O fato de dar apoio ao futebol feminino é outro aspecto que deve ser ressaltado no projeto da Motorola, que apóia uma modalidade esportiva ainda muito pouco prestigiada no Brasil.



MOTOROLA



Prêmio Cidadania

Miguel Perrotti:
preparando jovens surdos
para o mercado de
trabalho.



Quebrando a barreira do silêncio

Em 35 anos de existência, a Dedirc (Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação), da PUC (Pontifícia Universidade Católica) de São Paulo, tornou-se uma referência no tratamento de pessoas com alterações na audição, voz e linguagem. A entidade, que presta serviços a famílias menos favorecidas economicamente, também oferece atendimento educacional a crianças e adolescentes surdos, atua na formação de profissionais e na realização de pesquisa na área da comunicação humana e seus distúrbios. Recentemente, passou a se dedicar a mais uma atividade social – a inserção de surdos no mercado de trabalho.

O POOE (Programa de Orientação Ocupacional e Escolar), que conta com o apoio da Perrotti Partners, complementa a preparação de jovens e adultos surdos, preparando-os para ingressar e permanecer no mercado de trabalho. Nesse sentido, a Dedirc oferece as próprias instalações e experiência para orientar, qualificar e desenvolver as competências profissionais de jovens com idade acima de 14 anos, residentes na região metropolitana de São Paulo e que, preferencialmente, estejam cursando escola pública ou particular com bolsa.

O programa tem meta ambiciosa. A idéia é colocar no mercado de trabalho ao menos 80% dos surdos atendidos, valendo-se de mecanismos facilitadores tais como a Lei do Aprendiz e a Lei de Cotas para deficientes, em vigor no país há alguns anos. A entidade conta, ainda, com o apoio das empresas que, cientes da responsabilidade social que têm, abrem espaços para a realização de treinamento e absorção de trabalhadores com algum tipo de deficiência.

Desde que foi lançado, há dois anos, o POOE beneficiou 5 mil jovens, capacitados para trabalhar nas áreas de hotelaria e atendimento bancário, revela Miguel Perrotti, presidente da Perrotti Partners. A meta, para 2007, é qualificar, aproximadamente, 80 surdos para o exercício de atividades de rotinas de escritório e de informática. O empresário conta que há planos para montagem de

um centro voltado exclusivamente para capacitação na área de TI, o que inclui a aquisição de equipamentos e a contratação de pessoal. Até o momento, foi investido o equivalente a R\$ 400 mil no POOE, abrangendo recursos humanos, infra-estrutura física e aquisição de materiais. O grande desafio para essas entidades é financiar as atividades sem depender, exclusivamente, das contribuições de pessoas ou empresas. Fazer com que elas elaborem um plano de negócios e definam objetivos para um período de dois anos ou mais tem sido o papel desempenhado por Miguel Perrotti desde que assumiu a presidência do Comitê de Cultura e Desenvolvimento Institucional da Dedirc. Com a experiência de empresário bem-sucedido no ramo de TI, ele tem indicado à entidade os caminhos a serem seguidos para obter receita, atrair parceiros, desenvolver projetos. “Estamos ensinando a pescar em vez de dar o peixe”, comenta o executivo.

Nesse sentido, pode-se dizer que o POOE é um projeto de empreendedorismo. Muitas atividades são realizadas todos os anos para levantar fundos, de eventos esportivos a apresentações de orquestras patrocinadas por emissoras de televisão, venda de CDs e DVDs. O modelo é semelhante ao aplicado em outras instituições apoiadas pela Perrotti Partners e as associadas Latin Tech, Tech Supply e o Instituto Beethoven, criado em 1999. Nesse caso, uma comissão formada por empresários, representantes dos pais e dos portadores de deficiência auditiva, dois funcionários da Dedirc e o próprio Perrotti se encarrega de desenvolver ações e buscar os patrocínios.





Prêmio Cidadania

Mario Cesar Pereira Araujo:
o desafio é transformar a
escola em fonte de prazer.



A música da integração

A relação da TIM com a música vem de muito tempo. Desde que iniciou as operações no Brasil, no final dos anos 90, a empresa promove importantes eventos musicais por entender que se trata da melhor forma de materializar o *slogan* “viver sem fronteiras”, segundo o presidente Mario Cesar Pereira Araujo. A música foi escolhida também como mote para o projeto TIM Música nas Escolas, de abrangência nacional, que tenta eliminar as fronteiras sociais do país, promovendo a integração pela diversidade. Ancorado na linguagem universal da música, o projeto oferece formas de aprendizagem que contribuam para melhorar o desempenho escolar das crianças e adolescentes e, ao mesmo tempo, estimulem o desenvolvimento de uma cultura de paz nas comunidades em que vivem. “O grande desafio é fazer com que os meninos tenham satisfação em ir para a escola”, comenta o presidente da TIM, reconhecendo que o apoio das secretarias municipais e estaduais de Educação tem sido fundamental para execução do projeto.

Com base nas informações do Censo Demográfico e nos mapas de exclusão social, as secretarias indicam as áreas e as escolas públicas onde o TIM Música na Escola pode ser implantado. Em quatro anos de existência, o projeto atendeu pouco mais de 15 mil alunos em nove cidades brasileiras e, em 2007, deve estender-se a outros cinco municípios, envolvendo mais 5 mil estudantes. O investimento previsto, de R\$ 17,5 milhões, cobre atividades programadas no espaço de quatro anos, sendo o último dedicado ao desenvolvimento de ações capazes de permitir que o projeto se sustente, além de garantir os resultados dele nas escolas. A exceção são as cidades de Ribeirão Preto, Santo André e Florianópolis, nas quais foi adotado o ciclo de dois anos com a finalidade de atender um maior número de estudantes.

O projeto atende outra grande expectativa da sociedade: manter as crianças e os adolescentes mais tempo dentro da escola e, portanto, longe do mundo das drogas e do crime. E como são todas atividades extracurricula-

res, geralmente são realizadas fora do horário das aulas. Mas isso é uma prerrogativa da direção de cada escola. Nas oficinas de musicalização e *shows*, os participantes aprendem conceitos como harmonia, melodia, ritmo, letra, composição. Mas também são sensibilizados para os diferentes gêneros e ritmos musicais, tomam conhecimento da diversidade rítmica brasileira, aprendem a tocar instrumentos de percussão e a formar bandas.

A programação inclui a realização de *shows*, *workshops*, a constituição dos Núcleos de Agitação Cultural – Rádio e Brincadeiras Musicais, que realizam atividades dentro das escolas e nas comunidades, e dos grupos de bateria-mirim, de 400 integrantes. Os Pequenos Embaixadores da Paz, grupo formado por 300 alunos, fazem apresentações para a comunidade, levando alegria e mensagens de paz para creches, escolas, asilos e outros espaços públicos.

Aliado à aprendizagem musical, o TIM Música nas Escolas aborda outros aspectos essenciais para formação social dos participantes. O projeto dá ênfase à promoção de valores, atitudes e estilos de vida baseados em conceitos como o respeito à vida e direitos humanos, a prática da não-violência, a opção pelo diálogo na resolução de conflitos, a solidariedade e o entendimento de que a riqueza humana reside na diversidade.

Parte do projeto, o Auditório Ibirapuera, construído e doado pela TIM para a cidade de São Paulo, abriga uma escola de música para 120 alunos da rede pública de ensino, todos assistidos pelo projeto TIM Música nas Escolas. Esse grupo formou uma banda sinfônica e realiza apresentações públicas regulares.

